

SURDOATLETAS NAS *DEAFLYMPICS*: SILÊNCIOS DA MEMÓRIA ESPORTIVA BRASILEIRA

SURDOATLETS IN *DEAFLYMPICS*: SILENCES OF BRAZILIAN SPORTS MEMORY

SURDOATLETS EN *DEAFLYMPICS*: SILENCIOS DE LA MEMORIA DEPORTIVA BRASILEÑA

Marco Aurélio Rocha Di Franco¹, Janice Zarpellon Mazo², Giandra Anceski Bataglion³, Denize Cohen Bochernitsan⁴

1 Doutor em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 Doutoranda em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4 Tradutora-intérprete LIBRAS/Português.

Correspondência para: janice.mazo@ufrgs.br

Submetido em 25 de agosto de 2020

Primeira decisão editorial em 23 de dezembro de 2020.

Aceito em 09 de março de 2021

RESUMO:

Este estudo buscou reconstituir as memórias das delegações brasileiras nas *Deaflympics* (Surdolimpíadas) desde a primeira participação do país no ano de 1993 até a edição de 2017. A metodologia adotada inclui a coleta de fontes documentais e de entrevistas, bem como a revisão bibliográfica sobre o assunto. Os resultados evidenciaram o esforço dos surdoatletas para a participação nas Surdolimpíadas e a satisfação por representarem o Brasil. No entanto, evidenciou-se a falta de apoio financeiro para os(as) atletas, assim como a escassa divulgação

do evento no país. Ainda hoje, os surdoatletas não tem reconhecimento e continuam enfrentando dificuldades à prática e treinamento esportivo.

Palavras-chave: Surdos; Surdolimpíadas; História do Esporte; Memória Esportiva.

ABSTRACT:

This study sought to reconstruct the memories of Brazilian delegations in Deaflympics from the country's first participation in 1993 until the 2017 edition. The methodology adopted includes the collection of documentary sources and interviews, as well as the bibliographic review on the subject. The results showed the effort of surdoathletes to participate in the Deaflympics and the satisfaction of representing Brazil. However, there was a lack of financial support for athletes, as well as the scant dissemination of the event in the country. Even today, surdoathletes are not recognized and continue to face difficulties in sports practice and training.

Keywords: Deaf; Deaflympics; History of Sport; Sport Memory.

RESUMEN:

Este estudio buscó reconstruir la memoria de las delegaciones brasileñas en Deaflympics desde la primera participación del país en 1993 hasta la edición de 2017. La metodología adoptada incluye la recopilación de fuentes documentales y entrevistas, así como la revisión bibliográfica sobre el tema. Los resultados mostraron el esfuerzo de los surdoatletas por participar en las Deaflympics y la satisfacción de representar a Brasil. Sin embargo, hubo una falta de apoyo económico para los deportistas, así como la escasa difusión del evento en el país. Incluso hoy en día, los surdoatletas no son reconocidos y siguen enfrentando dificultades en la práctica y el entrenamiento deportivo.

Palabras clave: Sordo; Olimpiadas para sordos; Historia del deporte; Memoria deportiva.

INTRODUÇÃO

As *Deaflympics* (Surdolimpíadas) consistem-se em uma competição esportiva internacional para surdos, criada no início da década de 1920, com a denominação inicial de Jogos Internacionais Silenciosos. O Brasil teve a sua primeira participação neste evento no ano de 1993, sob organização da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), entidade responsável pela administração do esporte surdo no país em paralelo às suas filiadas. Neste

sentido, este estudo versa acerca das memórias das delegações brasileiras ao longo da participação do país nesta competição.

A constituição das histórias acerca dos surdos é atravessada por representações que foram construídas socialmente, em especial, por indivíduos ouvintes, os quais, por muito tempo, atribuíram aos surdos a marca da “incapacidade” (SILVEIRA, 2008). Tais representações preconceituosas começaram a ser desconstruídas a partir dos enfrentamentos e dos movimentos sociais dos surdos que suscitaram a inversão do sujeito incapaz em um sujeito antropológico, passando a promover o seu reconhecimento na sociedade a partir da manifestação de uma cultura própria: a cultura surda. Assim como em outras culturas, “a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes” (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 25) em diferentes espaços e tempos.

Os surdos constituem um grupo de sujeitos que têm costumes, histórias e tradições em comum, sendo pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constroem sua concepção de mundo através da visão, conforme alude Strobel (2010). Tendo em vista essa perspectiva, no presente estudo é utilizado o termo “comunidade” para indicar um grupo de pessoas sinalizantes e participantes de uma cultura gestual visual. Tal comunidade, segundo Strobel (2010), é configurada enquanto um grupo diversificado, uma vez que engloba sujeitos ouvintes (família, intérpretes, professores, amigos) e surdos que compartilham dos mesmos interesses e espaços como entidades de surdos, escolas, universidades, igrejas, espaços esportivos e de lazer, dentre outros.

O termo esporte surdo foi adotado neste estudo em função da sua fiel tradução da linguagem de sinais para a linguagem verbal. Isto é, no meio esportivo dos surdos, diz-se “esporte surdos” e “surdoatletas”, conforme o primeiro autor deste estudo, Marco Aurélio Rocha Di Franco, que é surdo e atuou como chefe da delegação brasileira na 20ª Surdolimpíadas, em 2005, além de possuir trajetória como surdoatleta e como técnico da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS). Cabe ressaltar que as políticas educacionais de inclusão, expansão e democratização do acesso ao ensino superior favoreceram, em grande medida, o ingresso de pessoas surdas nas instituições universitárias. Todavia, como alerta Mesquita (2017, p. 271), a universidade precisa “estar disposta a ouvir o surdo e a atender suas necessidades mais específicas”. Cientes dessa situação, a escrita deste texto se constituiu em um desafio, idealizado a partir das memórias silenciadas de um universitário, aluno de pós-graduação, e esportista surdo.

Foi por meio da prática esportiva que as identidades dos surdos se fortaleceram, não só aproximando os iguais, mas, também, criando bases para a geração de uma identidade (encontro com os iguais), do sentimento de comunidade. Os surdos, através da prática esportiva e da participação em competições, adquiriam informações sobre as comunidades surdas, trocavam opiniões sobre questões diversas, além de vivenciarem momentos de sociabilidades e lazer. Não se pode esquecer que, antropologicamente, a identidade de cada surdo depende de suas relações e experiências socioculturais, marcadas pela particularidade da utilização da língua de sinais, como fica evidenciado na pesquisa de Rangel (2005).

No que diz respeito às memórias esportivas, de acordo com a literatura consultada, nota-se que são escassas as pesquisas publicadas sobre a história dos esportes surdos. O estudo de Atherton, Russell e Turner (1999) aborda a história do futebol para surdos na Grã-Bretanha. Por sua vez, Benvenuto e Séguillon (2016), desenvolveram pesquisa que tratou do advento do esporte silencioso na França, no início do século XX. Desta maneira, uma dificuldade observada no desenvolvimento de pesquisas sobre este objeto de estudo se refere à carência de fontes impressas em língua falada ou escrita porque a linguagem dos surdos é a língua de sinais (ATHERTON; RUSSEL; TURNER, 1999). Igualmente, observa-se reduzida atenção a esta temática nos estudos no âmbito da História do Esporte no Brasil.

Diante de tais considerações, este artigo buscou reconstituir as memórias das delegações brasileiras nas *Deaflympics* (Surdolimpíadas) desde a primeira participação do país no ano de 1993 até a edição de 2017. Para tanto, procedeu-se o desenvolvimento do estudo por meio da coleta de fontes documentais e de entrevistas com surdoatletas brasileiros. As informações obtidas por meio do *site* da CBDS, relacionadas às datas e as cidades sedes das Surdolimpíadas, aos nomes e à quantidade de integrantes das delegações brasileiras, às conquistas de medalhas pelos surdoatletas, assim como documentos oficiais sobre o evento, configuram a documentação do estudo. Ademais, foram coletadas entrevistas com seis integrantes das delegações brasileiras nas edições das Surdolimpíadas de 1993 a 2017, são eles: Alexsandro Grade (surdoatleta da natação), Jiovanna Creso Cordeiro (surdaatleta da natação), Heron Rodrigues da Silva (surdoatleta do judô), Guilherme Maia Kabbach (surdoatleta da natação) e Alexandre Soares Fernandes (surdoatleta do judô). Embora alguns destes surdoatletas não tenham obtido medalhas, todos foram protagonistas da história esportiva do Brasil nas Surdolimpíadas. Além dos cinco surdoatletas, participou da pesquisa Sérgio Andrade, presidente da Federação Desportiva dos Surdos do Rio de Janeiro (FDSEJ). Destaca-se que foram utilizadas, ainda, as memórias de um dos autores deste estudo, Marco Aurélio Rocha Di

Franco, já referido como integrante da comunidade surda. Tais memórias aparecem no artigo em forma de relatos, com vistas a enriquecer os resultados do estudo.

As entrevistas foram conduzidas pelo autor Marco Aurélio Rocha Di Franco por intermédio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). De tal modo, as entrevistas foram gravadas com câmera de áudio e vídeo e, posteriormente, transcritas na íntegra a partir do trabalho da tradutora-intérprete de LIBRAS/Português, Denize Cohen Bochernitsan, que acompanhou o processo de coleta das entrevistas e também é autora deste estudo. Os textos transcritos foram encaminhados para os entrevistados, que confirmaram a autenticidade de seus conteúdos. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a divulgação de seus depoimentos e de suas identidades. Ressalta-se que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o parecer de número 083637/2019. A partir de informações disponibilizadas durante as entrevistas, foram localizadas as falas dos surdoatletas Heron Rodrigues da Silva e de Guilherme Maia Kabbach na página do *blog Signumweb*, as quais foram utilizadas a fim de incrementar as discussões do estudo. Igualmente, acrescentou-se trecho da entrevista de Mariana Hora, chefe da delegação brasileira nas Surdolimpíadas de 2017, divulgada no *site* da Agência Brasil. Por fim, as informações coletadas foram organizadas e submetidas ao processo de análise documental (BARROS, 2012), sendo discutidas à luz da revisão bibliográfica sobre o tema investigado.

Um panorama das *Deaflympics*

As *Deaflympics* (Surdolimpíadas) consistem em um evento multidesportivo internacional voltado para surdoatletas, o qual ocorre a cada quatro anos. O nome do evento resultou da combinação das palavras “surdo” e “olimpíada”, aludindo aos Jogos Olímpicos e, talvez, por isso, também é referido como “Olimpíadas para surdos”. A organização deste evento é realizada pelo *International Committee of Sports for the Deaf* (ICSD), em língua portuguesa: Comitê Internacional do Esporte Surdo. Tal entidade, reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), desde 1955 é responsável pelo esporte surdo.

O evento esportivo, desde a sua criação, no princípio da década de 1920 até meados da década de 1960, era denominado “Jogos Internacionais Silenciosos” e/ou “Jogos Internacionais para Surdos”. A partir do ano de 1966 até o ano de 1999, a nomenclatura do evento foi alterada para “Jogos Mundiais para Surdos” e, ocasionalmente, era citado como “Jogos Mundiais

Silenciosos”. Para as edições datadas a partir do ano 2000, adotou-se o nome Surdolimpíadas, com o reconhecimento oficial do COI.

A primeira edição das Surdolimpíadas ocorreu na cidade de Paris (França) no ano de 1924. A iniciativa de promover o evento esportivo foi do surdo Eugène Rubens-Alcais, presidente do *Deaf Mute Sports Federation* (Federação Esportiva Surdo-Mudo). A entidade, também referida como Organização Mundial de Esportes para Surdos, foi fundada por volta de 1922, com a finalidade de promover a prática esportiva para pessoas surdas. A intenção do idealizador Eugène Rubens-Alcais e de seu colaborador, o jovem surdo belga Antoine Dresse, de realizar um evento esportivo internacional, foi mostrar que os surdos eram pessoas capazes de praticar esportes, e, de tal modo, de contribuir para romper com o modo como eram vistos pelos outros. Ressalta-se que, assim como na área da educação (RODRIGUES; BEER, 2016), no esporte a idealização de entidades, como as supracitadas, foi providencial para as pessoas surdas se constituírem enquanto comunidade. Assim, afora o direito ao esporte, tais entidades e eventos foram engendrados com o intuito de representar a luta pelo fortalecimento da cultura surda e pelos direitos humanos a esta comunidade (BENVENUTO; SÉGUILLON, 2016).

As Surdolimpíadas de 1924 contaram com a participação de 148 surdoatletas, procedentes de nove países europeus, a saber: França, Bélgica, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria, Itália, Polônia, Romênia e Tchecoslováquia. Observa-se que, dos países mencionados, apenas a Holanda não tinha participado dos Jogos Olímpicos de Verão, realizados em Paris no ano de 1924. Apesar das Surdolimpíadas representarem um pequeno evento diante dos Jogos Olímpicos, importa destacar que, desde então, houve não apenas um crescimento do evento esportivo, mas a sua consolidação no calendário esportivo internacional (PICHAS, 2012).

Após dois anos da primeira Surdolimpíadas, em outubro de 1926, na cidade de Bruxelas (Bélgica), o ICSD alterou seu estatuto, registrando o nome do evento esportivo como “Jogos Internacionais para Surdos” ou “Jogos Internacionais Silenciosos”. O evento continuou a ocorrer de quatro em quatro anos, sendo cancelado apenas em 1943 devido aos conflitos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No entanto, logo após o fim da guerra, nos Estados Unidos da América, foi fundada, no ano de 1945, a *American Athletic Association for the Deaf* com o intuito de oferecer, sancionar e promover oportunidades de competição esportiva a norte-americanos com surdez. Tal iniciativa também contribuiu para a retomada das Surdolimpíadas de Verão, como até então era distinguida, e no final da década de 1940, no ano de 1949, foram realizados os primeiros Jogos de Inverno para Surdos, na cidade de Seefeld, na Áustria, com a participação de cinco países e um total de 33 atletas (PICHAS, 2012).

Nos dias atuais, 108 federações nacionais integram a ICSD, assinalando uma grande diferença numérica em relação aos nove países pioneiros. Em 2017, a Turquia sediou as Surdolimpíadas, sendo o primeiro país a construir uma vila olímpica para o evento, fato que, entre outros benefícios, promoveu mais integração entre os surdoatletas de diversos países. A próxima edição do evento está prevista para ocorrer no Brasil em 2022.

No caso da participação de atletas brasileiros no evento, é relevante aludir que as histórias narradas no tópico que segue carregam memórias de Sentil Delatorre, falecido em setembro de 2020, surdo e conhecedor da língua de sinais, porém oralizado. Sentil Delatorre foi precursor na organização da Federação Carioca de Surdos em 1959 e, anos depois, em 1967, fundou a Federação dos Desportos Surdos; posteriormente, em 1984, foi um dos pioneiros na instalação da CBDS. Nesta época, o Brasil começou a participar de campeonatos do esporte surdo, obtendo reconhecimento dos demais países. Sobre a atuação de Sentil frente as entidades, o surdo Nelson Pimenta, do programa Café com Pimenta da TV INES, proferiu: “Para a história do desporto surdo é muito importante. Quero agradecer muito” (PIMENTA, 2018). Sentil Delatorre fez, no Brasil, um trabalho semelhante ao de Eugène Rubens-Alcáis, lutando para que os surdos descobrissem suas capacidades para o esporte e começando, aos poucos, este movimento social esportivo no Brasil.

Delegações brasileiras nas *Deaflympics*

A participação oficial de surdoatletas brasileiros nas Surdolimpíadas teve início na década de 1990, embora desde 1965 o país estivesse filiado à ICSD. A primeira vez que o Brasil enviou representantes para a Surdolimpíada foi em 1993, na 17ª edição dos jogos de verão, realizada em Sofia (Bulgária). Por intermédio da CBDS, dois surdoatletas brasileiros foram à competição. Na ocasião, dois nadadores - Alexsandro Carvalho Grade e Jiovana Cordeiro -, disputaram 11 provas de natação, sendo que em três ocuparam a quarta posição na classificação geral.

Na edição seguinte do evento, no ano de 1997, em Copenhague (Dinamarca), a delegação brasileira contou com a presença de um surdoatleta, novamente na modalidade de natação: Guilherme Maia Kabbach. Para além dessa participação, a trajetória esportiva desse atleta prosseguiu na década seguinte com muitas conquistas, a saber: duas medalhas de prata e uma de bronze no Campeonato Mundial de Natação para Surdos em Coimbra (Portugal), em 2011; quatro medalhas de ouro, uma de prata e quatro de bronze no Campeonato Pan-

Americano de Surdos, em Praia Grande (São Paulo), em 2012; duas medalhas de bronze e uma de prata na Surdolimpíadas em Sofia (Bulgária), no ano de 2013; 12 medalhas de ouro e três de bronze no Campeonato Sul-Americano de Natação, em Caxias do Sul (Rio Grande do Sul), em 2014; duas medalhas de prata e uma de bronze no Campeonato Mundial de Natação para Surdos em San Antonio (Texas), em 2015; uma medalha de ouro e uma de bronze na Surdolimpíadas, em Samsun (Turquia), em 2017.

Dentre as conquistas do referido surdoatleta, também há recordes conquistados nos seguintes eventos esportivos de surdos: Campeonato Pan Americano de Natação (2012); Campeonato Sul-Americano de Natação (2014); Campeonato Mundial de Natação (2015) e Surdolimpíada (2017). Em entrevista, concedida ao *Signumweb*, o surdoatleta Guilherme Maia Kabbach relata a insuficiência de incentivos financeiros para os esportes surdos no Brasil:

Precisamos recorrer a rifas e ajudas de amigos. A Nita Alimentos/Moinho Paulista tem me ajudado desde 2013, quando fui para a segunda participação na Surdolimpíada da Bulgária. Gostaria que a imprensa escrita e a TV divulgassem muito mais e também fizessem um apelo para as grandes e pequenas empresas industriais, para que nos patrocinassem com ajuda financeira, possibilitando investir mais nos equipamentos, nos profissionais que nos cercam e em nós mesmos para dedicação total aos treinos (KABBACH, 2018a).

O relato do surdoatleta Guilherme Maia Kabbach (2018a) parece associar o baixo apoio financeiro, com o qual o esporte surdo costuma contar, aos espaços da mídia que parecem não dar a necessária visibilidade ao assunto. Em consonância, o estudo de Silveira (2008) demonstrou que, quando presentes na mídia, particularmente em matérias de jornais e revistas, os surdos ainda são representados como personagens secundários em detrimento das narrativas em termos dos sujeitos ouvintes. No referido estudo, por exemplo, o tema esporte foi encontrado pela autora apenas em um episódio no qual dois estudantes surdos, além de uma intérprete e de um instrutor, foram chamados para realizar leitura labial de um treinador durante uma partida de futebol. E, uma reportagem, na qual foram entrevistados e fotografados cinco surdos, apontando a sua capacidade de praticar esportes e de realizar outras atividades sociais, “apesar da surdez”.

Vale frisar que o trecho da reportagem supracitada, “apesar da surdez”, revela a estigmatização da cultura linguística dos surdos, ou seja, deixa transparecer a negação da identidade cultural desta comunidade (RODRIGUES; BEER, 2016). Para Rocha (2018), pelo menos até sua última edição, as Surdolimpíadas não contavam com profissionais capacitados para a cobertura jornalística do evento. Nesse sentido, nota-se que as poucas notícias veiculadas

pela mídia ainda tendem a trazer representações da surdez como deficiência em detrimento de abordagens relacionadas à comunidade e à cultura surda. Vale a ressalva de que nas comunidades surdas não são estabelecidas distinções entre as pessoas a partir de sua surdez, uma vez que o que define o pertencimento a esta comunidade é o uso da língua de sinais e da cultura surda (PERLIN; STROBEL, 2014). Conforme as autoras, isto é o que contribui para a construção de suas identidades.

As identidades dos surdos encontram espaço de construção e manifestação nas Surdolimpíadas. Uma evidência, no tempo presente, que sustenta tal afirmação, são as edições do evento do século XXI, nas quais o Brasil ampliou a participação de surdoatletas e de modalidades disputadas. No ano de 2001, na 19ª edição das Surdolimpíadas de verão, realizada em Roma (Itália), foram oito surdoatletas brasileiros para disputar provas de natação, tênis e tênis de mesa (DEAFLYMPICS, 2018).

De acordo com o ex-presidente da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro (FDSERJ), Sérgio Andrade, a delegação do Brasil que viajou para a 19ª edição das Surdolimpíadas, além dele próprio, estava composta por oito surdoatletas e um delegado. Sérgio Andrade lembrou que foi difícil conseguir financiamento e que a possibilidade surgiu quando um grupo de deputados do Rio de Janeiro disponibilizou recursos para o transporte e a alimentação dos surdoatletas. Na ocasião, a delegação brasileira não dispunha de uniforme e, por isso, os seus integrantes compraram camisetas amarelas e costuraram o emblema da FDSERJ.

Sérgio Andrade explicou, ainda, que o Brasil não possuía tradição em competições internacionais surdas. De tal modo, os surdos representantes do país nas Surdolimpíadas não eram atletas profissionais porque, apesar de participarem de algumas competições esportivas, trabalhavam em outras atividades. Talvez, por isso, os integrantes da delegação ficaram impressionados com a intensa presença da cultura surda, que circunscrevia o contexto das Surdolimpíadas em Roma (Itália):

Quando os surdoatletas chegaram na Itália, encontraram um “mundo surdo”. Mãos sinalizantes. As equipes dos outros países eram enormes, tinham já tradição de participação, e alguns eram atletas profissionais surdos. Estavam admirados, pois o Brasil, que tinha tradição no futebol, não tinha um time de surdos no futebol? (ANDRADE, 2018).

Como o Brasil não possuía tradição no esporte olímpico surdo, tudo o que os surdoatletas vivenciavam era novo e causava admiração e encantamento, especialmente, por

nunca terem visto “tantos surdos juntos”. Conforme Pimenta (2017) a comunidade surda configura um grupo linguístico que é movido por intermédio de encontros entre pares, assim, são justamente esses encontros que constituem a referida comunidade. Neste sentido, tais encontros contribuem à preservação da cultura surda e para a afirmação de sua identidade, apoiando-se em “uma série de pressupostos políticos e culturais (e, por isso, históricos) que permitem aos sujeitos surdos novas, e possíveis, representações, significados e categorias sociais” (NAKAGAWA, 2012, p. 25).

Na 20ª edição das Surdolimpíadas de verão, realizada Melbourne (Austrália), em 2005, havia um delegado e dois surdoatletas: Alexandre Couto e Alexsandro Grade. O autor deste estudo, Marco Aurélio Rocha Di Franco, participou desta edição do evento em razão de um financiamento efetivado após encaminhar um projeto para o governo do estado do Rio Grande do Sul e ser contemplado. Esse projeto foi escrito pelo próprio Marco Aurélio Rocha Di Franco, solicitando o financiamento para participar das Surdolimpíadas. A espera pela resposta foi angustiante, mas recompensadora. Neste ano, já havia uniforme padrão para a delegação brasileira, porém, cada surdoatleta e dirigente arcava com o seu custo.

Alexsandro Grade relatou que foi convidado pela CBDS para participar das Surdolimpíadas em 2005 e, mesmo assim, quem pagou suas passagens foi seu pai. A instituição, mesmo com seus projetos, não conseguiu verba para financiar a viagem: “Eu angustiado, um dia antes, não tinha passagem [...]. Meu pai pagou a passagem” (GRADE, 2018). Aqueles que não tinham recursos financeiros para comprar seus uniformes recebiam ajuda por meio de rifas e doações. Assim, os surdoatletas recorreram a projetos, ajuda de amigos e a outras estratégias para conseguir pagar sua viagem e estadia. Essa foi a experiência de Guilherme Maia Kabbach: “A primeira viagem, quem pagou foi o governo do Rio de Janeiro. Quem conseguiu a verba foi o Sérgio [Sérgio Andrade]. A segunda viagem pedi ajuda, fiz vaquinha para conseguir o montante” (KABBACH, 2018b). A 20ª edição das Surdolimpíadas de verão foi um marco para a comunidade surda brasileira, apesar de poucos participantes na delegação. Ao chegar à Austrália, na cidade de Melbourne, Marco Aurélio Rocha Di Franco narra que estava perplexo:

Quando eu estava dentro do estádio foi indescritível. Como porta-bandeira, levava a bandeira do Brasil todo orgulhoso, no estádio todo com surdos, delegações uniformizadas de diferentes países da Europa, da América do Norte... Não sabia o que olhava primeiro, mas, uma coisa eu sabia, estava realizando meu sonho: participar das Surdolimpíadas, representando meu país (DI FRANCO, 2018).

Nota-se, no depoimento supracitado, um sentimento de pertencimento e, ao mesmo tempo, um reconhecimento interno do seu papel enquanto personagem constituidor das memórias de seu país, e de sua comunidade, nas Surdolimpíadas. Conforme Perlin e Strobel (2014), enquanto estas histórias vão sendo construídas, evidencia-se, também, a composição das lutas pelos direitos e valores dos surdos. Assim, entende-se que os encontros entre os surdos promovem o fortalecimento da comunidade surda, de sua cultura e identidade (PIMENTA, 2017). Ademais, a autora destaca que, por possibilitarem o contato e as trocas com seus pares linguísticos, a maioria dos surdos deseja estar nestes momentos de reunião.

Em 2009, quando a 21ª edição do evento foi realizada na cidade de Taipei (Taiwan), a delegação brasileira foi composta por 13 surdoatletas e seis dirigentes, conquistando uma medalha de bronze, na modalidade de judô, pelo surdoatleta Alexandre Soares Fernandes, na categoria até 81 quilos. Esta foi a primeira medalha brasileira na modalidade. Além disso, o Brasil enviou representantes para a competição de natação e modalidades até então não disputadas: ciclismo e judô.

Nas Surdolimpíadas de 2013, 22ª edição, em Sofia (Bulgária), o Brasil estreou nas modalidades de karatê e vôlei, e também disputou ciclismo, judô, natação e vôlei de praia. Ressalta-se que melhorou a posição do Brasil no quadro de medalhas, com destaque para uma medalha de prata na natação. A primeira medalha de prata, de 100m livre, foi conquistada pelo atleta Guilherme Maia Kabbach, que também obteve duas de bronze, sendo uma nos 200m livre e, a outra, nos 200m borboleta. O karatê, que teve pela primeira vez um representante surdoatleta brasileiro, Heron Rodrigues da Silva, na categoria de +84 quilos, conquistou uma medalha de bronze.

Heron Rodrigues da Silva, faixa preta de karatê e professor, natural de Pato Branco (Paraná), conquistou a medalha de bronze na Surdolimpíada de 2013, e outra, de bronze, em 2017, na 23ª edição da Surdolimpíada, realizada em Samsun (Turquia). Na entrevista, o surdoatleta relatou que conseguiu participar das Surdolimpíadas porque tinha bolsa atleta. Recordou que após a conquista de diversas medalhas, começou a aparecer mais na mídia, mas que no início foi difícil obter investimentos devido a surdez:

Eu treinava muito, mas as pessoas não investiam em mim por causa da surdez. Mas fui participando de campeonatos e as pessoas foram vendo que eu estava vencendo. Comecei a aparecer e ganhei uma bolsa atleta do Ministério do Esporte (SILVA, 2018).

Na 23ª edição da Surdolimpíada, o Brasil conquistou cinco medalhas (karatê, judô, futebol feminino e duas na natação). Foi a primeira medalha de ouro na natação conquistada pelo Brasil em Surdolimpíadas. Mariana Hora, chefe da delegação surdolímpica brasileira nesta edição, em entrevista à Agência Brasil, declarou que o propósito da delegação do país em relação ao evento estava sendo cumprido:

Diante da nossa realidade de falta de investimentos financeiros para preparação dos surdoatletas, nosso principal objetivo aqui está sendo atingido: ganhar experiência e mostrar que o Brasil tem capacidade de se desenvolver no esporte de surdos (HORA, 2017).

O Brasil vem, a cada Surdolimpíada, ampliando sua participação. Isto se deve em grande medida ao empenho dos surdoatletas na profissionalização esportiva, porém esse processo ocorre de forma muito lenta, e poucos conseguem sobreviver com o esporte. Em geral, a quantidade de surdoatletas tem aumentado como se verifica no quadro abaixo:

Tabela 1 - Número de integrantes das delegações brasileiras nas Surdolimpíadas de 1993 a 2017

Ano	Delegação	Delegação brasileira
1993	1679	2
1997	2028	1
2001	2208	8
2005	2038	3
2009	2493	19
2013	2493	33
2017	2873	101

Fonte: Adaptado do *site da Deaflympics* (www.deaflympics.com).

Faz-se necessário esclarecer que, nas Surdolimpíadas, os surdoatletas se hospedam em hotéis públicos, sendo a alimentação e o transporte itens de responsabilidade pessoal. No entanto, as Surdolimpíadas utilizam os estádios e as instalações existentes no país. Na Surdolimpíada de 2017, na Turquia, pela primeira vez um país construiu o estádio e a vila olímpica para recepcionar os surdoatletas, com alojamentos, refeitório e ônibus para locomoção, ou seja, com as condições necessárias para os surdoatletas viverem o clima do evento e conviverem com outros surdos. Apesar de toda a estrutura construída, muitos surdoatletas não puderam participar deste momento. Obstáculos financeiros e falta de esclarecimentos sobre a condição do surdo como atleta e da existência dessa competição esportiva impediram de ter a experiência de tal acontecimento. Sobre isto, Alexsandro Grade mencionou que a pessoa surda que frequenta alguma associação de surdos tem mais informações, mas que ele, por exemplo,

não sabia da existência das Surdolimpíadas: “Estava me preparando para o mundial da França [campeonato esportivo em que participam ouvintes) e fiquei sabendo das Surdolimpíadas” (GRADE, 2018).

Outra dificuldade para a participação em Surdolimpíadas, pelo surdoatleta, é conseguir autorização para afastar-se de sua atividade profissional. Isto porque, as Surdolimpíadas contam com a participação de surdoatletas que, na sua maioria, não são atletas profissionais. No caso brasileiro, por não ter patrocinadores, a maioria dos surdoatletas não tem a opção de se dedicar exclusivamente ao esporte, tendo que trabalhar paralelamente, prejudicando o treinamento para as competições.

Os surdoatletas são trabalhadores na indústria, no comércio, nas escolas, universidades e outros setores públicos e privados. Diante disso, para participar de um evento esportivo se faz necessário pedir dispensa do trabalho e, dependendo do momento econômico ou da vida da pessoa, nem sempre é possível. Para a maioria dos surdoatletas brasileiros, o esporte ainda é uma segunda opção, o que dificulta o crescimento da participação brasileira nas Surdolimpíadas.

O apoio ao esporte surdo ainda é pouco reconhecido pelas instâncias governamentais, e, deste modo, são escassos os recursos para esta esfera esportiva se desenvolver. Além disso, a falta de visibilidade e de reconhecimento dificulta a obtenção de financiamento das empresas públicas e privadas no Brasil. Tais dificuldades, entre outras, geram frustrações e falta de motivação aos surdoatletas, que, muitas vezes, acabam desistindo de praticar o esporte de alto rendimento. Muitos daqueles que conseguem participar dos eventos esportivos dependem do próprio custeio ou de doações de amigos e familiares para as despesas com o treinamento e com as competições.

Ademais, mesmo sem incentivos financeiros, quando esses atletas conquistam resultados, não há ou é escassa a divulgação das Surdolimpíadas nas mídias, tanto impressas quanto digitais. O estudo de Rocha (2018) evidenciou que até mesmo as postagens relativas ao assunto divulgadas na página de *Facebook* da CBDS possuem pouco engajamento, seja por parte das pessoas ouvintes ou surdas que, muitas vezes, desconhecem este evento multiesportivo de sua própria comunidade. Isto gera um ciclo de falta de apoio financeiro, de visibilidade, de reconhecimento e, conseqüentemente, de desmotivação de inúmeros surdoatletas com relação ao esporte e as competições.

Divulgar a existência de tal evento poderia contribuir para que as pessoas entendessem e reconhecessem as especificidades dos surdos no que se refere à comunicação, à questão da

identidade linguística e cultural. E, ainda, mostrar a necessidade de elaboração de políticas públicas em esporte e lazer para as pessoas surdas. A área da educação, que se encontra em um momento histórico de maior consolidação com relação às políticas de inclusão de surdos em comparação ao campo esportivo, se apresenta como um potencial caminho para a difusão de conhecimentos relativos ao esporte surdo. As aulas de Educação Física escolar apresentam-se como ricos espaços para a modificação deste cenário de desconhecimento social acerca do assunto em direção à transcendência dos direitos humanos das pessoas surdas, para além dos muros da escola e da universidade (MESQUITA, 2017). Afinal, as políticas de acesso e democratização a estes espaços precisam atender as necessidades da comunidade surda em sua totalidade, abrindo espaços à efetiva participação política, econômica, social e cultural em igualdade de condições para com a sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar as memórias das delegações brasileiras nas Surdolimpíadas, evidenciamos as conquistas, as dificuldades e as lutas que atravessam a constituição do esporte surdo no Brasil. O país participou de sete das 23 edições das Surdolimpíadas. Embora no período de 1993 a 2017 as delegações brasileiras tenham obtido conquistas em termos do incremento no número de participantes, na quantidade de modalidades disputadas e nas medalhas alcançadas, pouco se observou em termos de reconhecimento e apoio, em especial, de viés governamental. As ações para o desenvolvimento do esporte surdo no país e para a participação brasileira nas Surdolimpíadas ainda parecem depender, basicamente, de iniciativas individuais.

Acreditamos que uma maior atenção governamental ao esporte surdo, assim como a divulgação de seus eventos na mídia, poderia contribuir para o seu desenvolvimento no país. A 24ª edição das Surdolimpíadas estava agendada para o período de 05 a 21 de dezembro de 2021, tendo como sede a cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. Devido a pandemia de COVID-19, tal data foi adiada para 01 a 15 de maio de 2022. O Brasil será o primeiro país da América Latina a sediar este megaevento, suscitando expectativas quanto ao seu desenvolvimento e suas ressonâncias, sobretudo, ao esporte surdo do país.

Espera-se que este estudo contribua para acrescer as informações acerca do objeto de estudo no campo acadêmico e científico, bem como para conservar as memórias dos esportes surdos no país e a sua participação no evento mais representativo deste fenômeno no mundo. Vale aludir que a possível realização das Surdolimpíadas no Brasil, abre espaços ao

desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema nas mais variadas áreas de investigação, em especial, da Educação Física e do Esporte. Ademais, faz-se imperativo, no meio acadêmico, ampliarmos nossas formas de diálogo e escutar os anseios da comunidade surda, de modo a contribuir para que os espaços esportivos, de lazer, dentre outros sejam ocupados de forma mais expressiva pelos surdos. Uma vez que conteúdos acerca da cultura surda - incluindo os esportes surdos e as Surdolimpíadas - raramente são oportunizados nas aulas de Educação Física no ensino básico, a partir da temática aqui abordada motivamos o olhar da Educação Física escolar, visando romper com a uniformização e invisibilização que permeiam o universo educacional. E para além da escola, cabe também este papel aos cursos de graduação do ensino superior.

Referências

ANDRADE, Sérgio. **Entrevista concedida à pesquisa “Silêncios da Memória Esportiva: surdoatletas brasileiros nas Deaflympics”**, 20 maio 2018.

ATHERTON, Martin.; RUSSELL, David.; TURNER, Graham. Playing to the flag: a history of deaf football and deaf footballers in Britain. **Sports Historian**, v. 19, n. 1, p. 38-60, 1999.

BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion: Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle, Canoas**, n. 12, p. 129-159, mai./ago. 2012.

BENVENUTO, Andrea.; SÉGUILLON, Didier. Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento do esporte silencioso 1834-1924: por uma história política das mobilizações coletivas dos surdos. **Revista Moara. Estudos Linguísticos**, Pará, v. 45, p. 60-78, jan./jun.2016.

BRASIL VOLTA DAS SURDOLIMPÍADAS 2017 COM MEDALHAS INÉDITAS. 10 ago 2017. **Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS)**. Disponível em: <<http://cbds.org.br/?p=5199>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

DEAFLYMPICS. Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS). Disponível em: <<http://cbds.org.br/eventos/deaflympics/>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

DEAFLYMPICS DE VERÃO. Deaflympics. International Committee of Sports for the Deaf (ICDS). Disponível em: <<http://www.deaflympics.com/games>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

DI FRANCO, Marco Aurélio Rocha. **Depoimentos pessoais concedidos à pesquisa “Silêncios da Memória Esportiva: surdoatletas brasileiros nas Deaflympics”**, 15 dez. 2018.

FERNANDES, Alexandre Soares. **Entrevista concedida à pesquisa “Silêncios da Memória Esportiva: surdoatletas brasileiros nas Deaflympics”**, 5 ago. 2018.

GRADE, Alexsandro. **Entrevista concedida à pesquisa “Silêncios da Memória Esportiva: surdoatletas brasileiros nas Deaflympics”**, 24 jul. 2018.

HORA, Mariana. **Depoimento** [jul. 2017]. Entrevistadora: Sabrina Craine. Entrevista concedida a Repórter da Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-07/atletas-brasileiros-superam-desempenho-em-surdolimpiada-na-turquia>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

KABBACH, Guilherme Maia. **Depoimento** [maio 2016]. Entrevista concedida a *Signumweb*. Disponível em: <<http://blog.signumweb.com.br/entrevistas/entrevista-guilherme-maia-kabbach-nadador-surdo/>>. Acesso em: 18 mar. 2018a.

KABBACH, Guilherme Maia. **Entrevista concedida à pesquisa “Silêncios da Memória Esportiva: surdoatletas brasileiros nas Deaflympics”**, 5 jun. 2018b.

MESQUITA, Leila Santos. Políticas Públicas de Inclusão: o acesso da pessoa surda ao ensino superior. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 255-273, jan./mar. 2018.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas: o que se vê, o que se ouve**. 2012. 142f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

PERLIN, Gladis.; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 17-31, 2014.

PICHAS, Rafael Pinkhasov. **The History of the Deaflympics Games**. Gallaudet University. Nova York. 2012.

PIMENTA, Brigida Mariani. **Encontros surdo-surdo (s) como espaço de produção de uma comunidade: a potência do (s) encontro (s)-amizade (s)**. 2017. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

PIMENTA, Nelson. Programa Café com Pimenta: **Tv INES** (online), 15 ago 2018. Disponível em: <<http://tvines.org.br/?p=18615>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do Povo Surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural**. 2005. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2005.

ROCHA, Aline Carrijo do Vale. **Comunicação para e com os Surdos: análise da cobertura da Surdolimpíadas**. 2018. 41f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Jornalismo, 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Direitos, Políticas e Línguas: divergências e convergências na/da/para educação de surdos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 661-680, jul./set. 2016.

SANTANA, Ana Paula.; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, mai./ago. 2005.

SILVA, Heron Rodrigues da. **Depoimento** [maio 2016]. Entrevista concedida a *Signumweb*. Disponível em: <<http://blog.signumweb.com.br/entrevistas/entrevista-Heron-Rodrigo-daSilva-nadador-surdo/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SILVA, Heron Rodrigues da. **Entrevista concedida à pesquisa “Silêncios da Memória Esportiva: surdoatletas brasileiros nas Deaflympics”**, 30 maio 2018.

SILVEIRA, Carolina Hessel. Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 33, n. 1, p. 171-190, jan./abr. 2008.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.